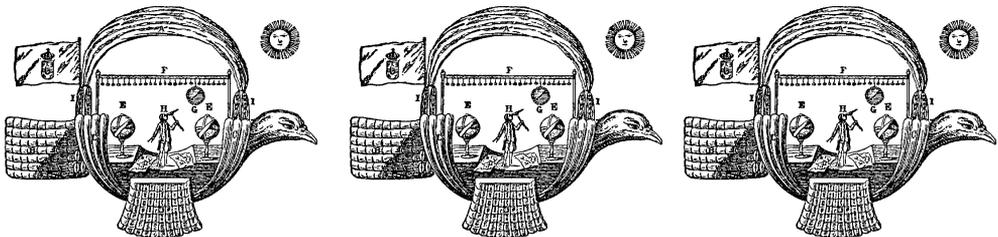
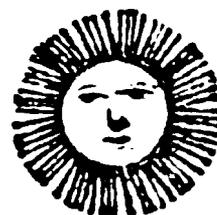


resenhas



Mar me quer: *a outra face da lua*

Ana Claudia da Silva*



* Universidade de São Paulo (bolsista da FAPESP)

A obra do escritor moçambicano Mia Couto, inserida no vasto panorama das literaturas africanas de língua portuguesa, vem despertando a atenção dos críticos e do público em geral. Tendo iniciado pela poesia (*Raiz de orvalho*: 1983), o jovem escritor foi aclamado pela crítica logo a partir de seu primeiro livro de contos, *Vozes anoitecidas* (1986). A seguir publicou outras coletâneas de crônicas (*Cronicando*: 1988), contos (*Cada homem é uma raça*: 1990; *Estórias abensonhadas*: 1994 e *Contos do nascer da terra*: 1997), e romances (*Terra sonâmbula*: 1993 e *A varanda do Frangipani*: 1996). Sua obra, publicada inicialmente em Moçambique e depois em Portugal, tem sido traduzida para o inglês, francês, italiano, espanhol, holandês, alemão, sueco, flamengo e norueguês. No Brasil, Mia Couto é publicado pela Editora Nova Fronteira (RJ), que já conta com três títulos do autor: *Terra sonâmbula*, *Estórias abensonhadas* e *Cada homem é uma raça*. Vale lembrar que sua linguagem poética tem levado muitos críticos a aproximarem o trabalho artístico levado a efeito por Mia Couto da prosa do brasileiro Guimarães Rosa e do angolano Luandino Vieira.

Ainda que desconhecida do grande público brasileiro, a obra de Mia Couto começa a ganhar espaço entre os críticos e mesmo nos estudos realizados nas universidades brasileiras e portuguesas. Lembre-se, a respeito, que Mia Couto, que já fora agraciado com o prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) em 1996 pelo romance *Terra sonâmbula*, passou, desde 1998, a integrar o quadro de sócios correspondentes da Academia Brasileira de Letras, na vaga do

poeta e ensaísta português David-Mourão Ferreira, tornando-se assim o primeiro autor africano a ocupar esse cargo.

Mar me quer é o último título de Mía Couto lançado na Expo 98, em Lisboa. Trata-se de “um conto grande ou um romance pequeno”, no dizer do próprio autor. A obra narra a história de dois vizinhos, já avançados no tempo. Zeca Perpétuo, para conquistar sua vizinha, Luarmina (luar-mina?), vai desfiando, a seu pedido, suas memórias, que ao final acabam entrelaçando-se na história dela, num enovelar de segredos entrançados que se vão sendo revelados ao mesmo tempo, durante a narrativa, ao leitor e ao narrador, resultando num desfecho surpreendente.

A maior parte dos encontros entre as duas personagens se dá num espaço intermediário entre um mundo interior e outro, exterior: a varanda da casa de Luarmina representa uma ponte entre o espaço interno da casa e a realidade fora dela. É ali que a personagem se senta a desfolhar intermináveis flores, num bem-me-quer, *mar me quer* que aguarda uma qualquer resposta, a realização de desejos enraizados num passado presente.

O título *Mar me quer* não é apenas uma variação poética dos versos “bem-me-quer, mal-me-quer”, com os quais as moças costumam indagar ao destino a verdade de um possível amor. A formulação insere na obra, já desde o início, a força movente do desejo que reconstrói mundos. Assim como o mar quer a terra e a busca em infinitos e entrecortados abraços, da mesma forma se coloca o desejo do homem pela mulher; também de completude é a relação de luz e sombra ou, se quisermos, razão e intuição. A relação entre as duas personagens centrais espelha o desejo de que se revele a face escura da lua, o lado avesso do homem, seu interior. Para perpetuar-se, para tornar-se ele mesmo, Zeca Perpétuo necessita ser abraçado pela *lunaridade* de Luarmina, a vizinha costureira que será responsável por atar nele as duas pontas da vida.

Em *Mar me quer*, pode-se encontrar alguns dos temas recorrentes na obra de Mía Couto, como o amor e a morte, perfazendo uma viagem através de fronteiras nas quais se distinguem e se mesclam as culturas negra e branca. Tudo isso vem embalado por murmúrios de um mar cujas ondulações conduzem a vida e o sonho dos homens.

O texto é composto de oito capítulos. Cada um deles é introduzido por um dos “ditos” do avô Celestiano, muitos deles supostamente baseados em provérbios da nação macua, uma das etnias mais antigas, ao norte de Moçambique. A personagem do avô, um *mais velho*, guarda a ligação com a herança ancestral na qual estão plantadas as raízes de um povo. Explicitados pelo narrador em primeira pessoa, os saberes dos antigos encontram-se espalhados ao longo de toda a obra.

Ao contrário do avô, a figura do pai é a do homem assimilado, que abandona os antepassados para entrar no “mundo dos brancos”. Essa traição não ocorre

impunemente e, em decorrência disso, acaba por sofrer uma grande perda que carregará de arrastão a luz de seus olhos, obrigando-o a voltar-se para dentro de si em busca de antigas formas de conhecimento. Cego, o pai passa a ser venerado pela população local como um adivinho, atraindo a si pescadores que buscam a boa sorte nas pescarias.

A terceira geração que comparece na narrativa é a do filho Zeca Perpétuo, que vem a ser um amálgama das duas culturas – a negra dos antigos, e a branca, estrangeira –, simbolizando a interação, tantas vezes conflituosa, entre dois tempos diferentes; assim, o “antigamente” e a modernidade imbricam-se no presente da narrativa. A mistura de raças é também indiciada pela mulata Luarmina, órfã de rara beleza, que se fixara nas praias do Índico à procura do fio que a conduziria ao seu destino. É esse chão de mestiçagem cultural que torna possível o sonho, elemento utópico que torna-se o eixo fundamental da narrativa: “Quando não somos nós a inventar o sonho, ele é que nos inventa a nós.”

Moçambique é um território desenhado por muitas fronteiras que se mesclam chão a dentro, mar a fora, dando ao país um contorno multifacetado. Assim como a colonização portuguesa não teve forças para impor uma soberania no plano político – a ocupação do território moçambicano atingiu apenas uma estreita faixa no litoral sul, deixando intactos o interior e o norte do país –, também no plano cultural não conseguiu aniquilar as culturas das nações locais, dando origem a um rico mosaico cultural do qual pode nascer a novidade, sonho diurno a resgatar as bases de uma identidade necessariamente híbrida.

A obra de Mia Couto, no seu conjunto, revela a tentativa de delinear o rosto de Moçambique. Nela, o país é focalizado por personagens que, sem poderem dar conta das mudanças dramáticas da história, reinventam o cotidiano, sobretudo a partir de uma linguagem inovadora que tenta apontar para um devir em que se mesclam utopias e sofrimentos, muitas vezes transfigurados em maravilha. A arquitetura lingüística operada pelo autor é a marca mais evidente de que é possível reinventar um outro sabor para a já tão desgastada língua portuguesa – um sabor moçambicano, pacientemente temperado às margens do Índico. Não faltam, portanto, ao texto, essas *brincriações* tão características do autor; facturas lingüísticas que fazem da leitura de *Mar me quer* um delicioso passeio pelas virtualidades da nossa língua e – porque não? – pelo interior de nós mesmos, levando-nos a desvelar a face de um outro que, no fundo, nos é familiar.

Referências Bibliográficas

COUTO, Mia. *Mar me quer*. Lisboa: Mia Couto e Parque Expo 98, 1998.